



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA – 2025

Conhecendo o Orixá Exu e o Ritual de Ìpàdé: Musicalidade, Afeto e Cosmopolítica na Tradição Afro-Brasileira

Jacson Oliveira de Lima¹; Edson Tosta Matarezio Filho²

¹ PVIC/UEFS, História – oliveirajacson002@gmail.com

² Departamento de Ciências Humanas e Filosofia – etmfilho@uefs.br

Palavras-chave: Exu; Ìpàdé; Candomblé; musicalidade; cosmopolítica.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o papel do Orixá Exu e do ritual de Ìpàdé na tradição afro-brasileira, destacando suas dimensões de musicalidade, afeto e cosmopolítica. A escolha do tema parte de uma vivência pessoal e comunitária nos terreiros de Candomblé, entendendo a relevância do culto a Exu para a manutenção da comunicação entre o mundo espiritual (Òrun) e o mundo material (Àiyé).

As religiões de matriz africana no Brasil, historicamente marginalizadas, carregam um profundo potencial de resistência cultural e espiritual. O ritual de Ìpàdé, realizado periodicamente nos terreiros, evidencia esse caráter, pois estabelece a conexão entre ancestrais, divindades e comunidade, sempre por intermédio de Exu.

Assim, este estudo busca articular experiência pessoal e literatura acadêmica (SANTOS, 1971; GONÇALVES, 2013; PRANDI, 2001; SODRÉ, 2006; MENESES BASTOS, 2007), propondo uma análise que desmistifica visões negativas sobre Exu e realça sua centralidade como guardião, mediador e agente de transformação.

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e autobiográfica, dialogando com a proposta de **escrita de si** de Kilomba (2019), em que a experiência pessoal se torna ferramenta metodológica para reflexão crítica. O percurso do pesquisador nos espaços religiosos é

tomado como fonte de dados, em articulação com bibliografia especializada sobre Candomblé, musicalidade ritual e cosmopolítica.

Além das memórias e vivências no Ilê Axé Opo Alagunã (Feira de Santana) e no Ilê Axé Gilodefan (Santo Amaro), foram utilizados aportes teóricos de Juana Elbein Santos (1971), Reginaldo Prandi (2001), Muniz Sodré (2006), Meneses Bastos (2007) e Isabelle Stengers (2018), possibilitando a construção de uma análise que une o olhar interno e a abstração crítica.

Resultados e Discussão

Exu como Guardião e Mediador

Exu é reconhecido como o primeiro Orixá a ser saudado nos rituais, pois garante a comunicação entre homens e divindades. Sua representação – seja em pedra, terra, ogó ou estatuária adornada por búzios – simboliza movimento, potência e fertilidade (GONÇALVES, 2013). Longe da associação pejorativa criada pelo imaginário colonial-cristão, Exu atua como princípio de ordem, justiça e reconfiguração dos caminhos.

O Ritual de Ìpàdé

O Ìpàdé, conforme Santos (1971), significa “reunião” e constitui o rito prioritário de invocação de ancestrais e divindades por meio de Exu. Nesse espaço, a coletividade reafirma sua identidade, fortalece os laços espirituais e mantém o equilíbrio cósmico. Exu, como mediador, assegura que os rituais ocorram sem perturbações, reforçando sua função de guardião da harmonia.

Musicalidade e Afeto

A musicalidade é elemento central do Ìpàdé. Os toques de atabaque (rum, rumpi e lê), o agogô e as cantigas não apenas evocam os Orixás, mas também ativam memórias ancestrais e sentimentos coletivos. A música, nesse contexto, é um “ritual musical” (MENESES BASTOS, 2007), que articula mito, dança, visualidade e afeto. Conforme Sodré (2006), a alegria experimentada nesses momentos é um afeto fundamental que circula e contagia corpos, reforçando o pertencimento comunitário.

Cosmopolítica e Resistência

Inspirado no conceito de cosmopolítica (STENGERS, 2018), o culto a Exu é compreendido como prática que rompe fronteiras coloniais e articula diferentes agentes – humanos, divinos e ancestrais – na organização da vida. O Candomblé, nesse sentido, não é apenas religião, mas sistema de resistência cultural e política.

Considerações Finais

Exu é o Orixá da encruzilhada, e foi justamente nas encruzilhadas da vida que compreendi sua força. Cada conflito interno, cada retorno ao terreiro, cada sonho que me chamava de volta foi também a confirmação de que Exu me guiava para o destino ancestral.

Este trabalho procurou mostrar que Exu não é caos, mas princípio de vida. O Ìpàdè, ao reunir comunidade e ancestrais, reafirma o papel central desse Orixá como guardião da ordem e da comunicação. Musicalidade, afeto e cosmopolítica se entrelaçam nesse ritual, criando uma experiência que é ao mesmo tempo espiritual, política e profundamente humana.

Ao narrar essa trajetória, busquei unir a experiência pessoal e a reflexão acadêmica, entendendo que ambas são necessárias para compreender a riqueza do Candomblé. A academia precisa ouvir os terreiros, e os terreiros têm muito a ensinar à academia.

Exu, o senhor dos caminhos, é quem me trouxe até aqui. Que ele siga abrindo novas passagens para que a tradição afro-brasileira seja reconhecida não apenas como herança cultural, mas como fonte de vida, alegria e resistência.

Referências

- GONÇALVES DA SILVA, V. (2013). Exu do Brasil: tropos de uma identidade afro-brasileira nos trópicos. *Revista De Antropologia*, 55(2). <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2012.59309>
- KILOMBA, G. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
-
- Meneses Bastos, R. J. de (2007). Música nas sociedades indígenas das terras baixas da América do Sul: estado da arte. *Mana*, 13(2), 293–316. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132007000200001>
- PRANDI, R. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SANTOS, Juana Elbein. *Os Nàgô e a morte: Pàdè, Àsèsè e o culto Égun na Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- SODRÉ, Muniz. “A regência da alegria”, in: *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- Stengers, I. (2018). A proposição cosmopolítica. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, 69, 442-464. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p442-464>